

Oportunismo: doença infantil do esquerdismo

26/04/2009

Ronivaldo Maia, Vereador e Líder da bancada do PT na Câmara Municipal de Fortaleza, analisa a estranha aproximação entre PSOL e PSDB que levou a composição de um bloco unitário de oposição a gestão da Prefeita Luizianne Lins na capital cearense.

Em 1988, um grupo de dissidentes do PMDB capitaneados por políticos de São Paulo e Minas Gerais levou a termo sua insatisfação com o governo Sarney. Tal disparidade se acentuou durante a Assembléia Nacional Constituinte onde os membros do partido votaram pelos quatro anos de mandato para o Presidente da República apesar de a tese dos cinco anos ter prevalecido na maioria da bancada do PMDB e de políticos conservadores agrupados no “Centrão”. A partir desta cisão, formou-se o Partido da Social Democracia Brasileira.

O PSDB, ao longo dos seus 21 anos, conseguiu governar por oito anos o Brasil com Fernando Henrique Cardoso à frente de uma coalizão de centro-direita. Colocou em prática uma agenda neoliberal que, além de ações como o sucateamento do Estado brasileiro, de privatizações e desemprego, desenvolveu uma política de criminalização dos movimentos sociais, renegando, assim, seu próprio manifesto de fundação.

O Ceará foi o primeiro estado brasileiro a implantar uma agenda neoliberal com a eleição de Tasso em 1986. A chamada “era Tasso” – finalizada em 2006 com a derrota eleitoral do candidato tucano para o atual governador Cid Gomes do PSB – foi marcada, sobretudo, pela implementação do chamado “estado mínimo”, pela guerra fiscal e perseguição aos adversários políticos e movimentos sociais. Estes últimos, tratados de maneira semelhante à época da ditadura militar: como caso de polícia. Hoje assistimos a decadência do atual senador Tasso Jereissati, derrotado nas últimas eleições municipais.

O PSOL surgiu há três anos a partir de um racha do Partido dos Trabalhadores, logo após uma crise pela qual passou o governo Lula e o próprio partido. No início do governo Lula, algumas das correntes, especialmente aquelas de orientação morenista – que mais tarde vieram a construir o PSOL – já caracterizavam o governo como neoliberal, apesar das ações governamentais mostrarem o contrário. No cenário de crise, o PT era caracterizado como “partido capitulado” pela burguesia e pelo neoliberalismo. Então, a crise “ética” do partido era o que faltava para justificarem seu rompimento.

Ao contrário do PSDB, o PSOL ainda não governou sequer uma prefeitura do interior do nosso País e os últimos resultados eleitorais obtidos em 2008 nos mostram “o esgotamento prematuro de um projeto que se iniciou com uma lógica clara, mas esbarrou cedo em limitações que o levam a beco difícil se não houver mudança de rota”, como bem escreveu o professor Emir Sader, logo após as eleições passadas.

E o porque desse resultado tão ruim para a extrema esquerda, pior inclusive que nas eleições de 2006? Marx nos explica que “a pequena burguesia sofre derrotas acachapantes, mas não se autocritica, não coloca em questão sua orientação, acredita apenas que o povo ainda não está maduro para as suas posições, definidas essencialmente como corretas, porque corresponderiam a textos sagrados da teoria”.

Então, afinal, o que tem em comum um partido neoliberal como o PSDB com um partido de extrema esquerda como o PSOL, além de terem surgidos de rachas partidários?

Há uma frase que diz o seguinte: “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. No caso, o inimigo principal do Partido dos Trabalhadores é o PSDB e seu aliados políticos e de classe, não o PSOL. Para o PSOL, o inimigo a ser derrotado não é a burguesia e nem os partidos de direita, mas o governo Lula e o PT. Portanto, é melhor juntar-se ao principal inimigo (PSDB) do inimigo (PT) – apesar da falta de afinidades entre programas

partidários – do que fazer uma autocrítica e reconhecer os erros históricos cometidos. Além disso, o sectarismo somado ao revanchismo fazem surgir alianças híbridas com o único intuito de derrotar o PT.

É o caso que ocorre hoje em Fortaleza. No dia 14 de abril desse ano, foi formalizado o bloco de oposição à prefeita Luizianne Lins. Esse bloco é composto pelo PSOL, PSDB, PDT, PTC, um vereador do PV, um vereador do PHS (apesar dos dois últimos partidos ainda comporem a base de apoio da gestão petista).

Luizianne Lins foi eleita em 2004 numa aliança entre PT e PSB derrotando em segundo turno o candidato do então PFL, hoje DEM, Moroni Torgan. Durante o segundo turno, vários partidos vieram somar ao nosso projeto de esquerda como o PV, PMN, PHS, PSL. Ao longo do primeiro mandato, a gestão Fortaleza Bela priorizou ações voltadas para as camadas mais pobres da população, excluídas historicamente em nossa cidade do campo das políticas públicas e dos processos de construção das mesmas. Dentre várias ações da prefeita Luizianne Lins, merecem destaque a implantação do Orçamento Participativo, o congelamento da tarifa de transporte coletivo (menor tarifa entre as cidades do País com sistema integrado), a implantação da tarifa social, a construção do Hospital da Mulher, a criação das coordenadorias de juventude e da mulher e a transparência dos gastos públicos municipais.

Os ganhos materiais e democráticos conquistados pelo povo de Fortaleza fizeram com que Luizianne Lins fosse reeleita em 2008 em primeiro turno com 50,16% dos votos, derrotando as duas candidaturas – Moroni Torgan do DEM e Patrícia Sabóia do PDT – apoiadas pelo senador do PSDB, Tasso Jereissati. Líder de um partido que, inclusive, viu reduzido de dois para um o número de representações na Câmara Municipal. A mesma quantidade do PSOL.

Portanto, não devemos estranhar tal posição do PSOL. Já nos primeiros meses de existência, o “partido do socialismo e da liberdade” se alinhava com o bloco tucano-pefelista não apenas em votações no Parlamento, mas também na mídia oligárquica. Basta lembrarmos do debate promovido pela Rede Globo no primeiro turno das eleições presidenciais em 2006, com o único intuito de derrotar o inimigo comum; o Presidente Lula e o PT.

Esse tipo de postura sectária e oportunista não eleva a consciência política das massas nem fortalece a esquerda na luta contra o inimigo a ser realmente derrotado: a classe burguesa. Pelo contrário, confunde a classe trabalhadora e divide forças no campo da esquerda tirando o foco do combate ao neoliberalismo. Para finalizar, recorro novamente a uma citação do texto do professor Emir Sader quando este afirma que “a esquerda brasileira precisa de uma força mais radical, que se alie ao PT nas coincidências e lute nas divergências, compondo um quadro mais amplo e representativo, combinando aliança à autonomia (...) faria bem à esquerda e ao Brasil”, ou seja a superação do capitalismo e a construção do socialismo não é tarefa de um único partido ou movimento social, mas a junção de braços, corações e mentes de homens, mulheres, homossexuais, negros, índios, brancos, operários, camponeses, intelectuais que se movem “por grandes sentimentos de amor pela humanidade”.

Ronivaldo Maia, Vereador, Líder do PT na Câmara Municipal de Fortaleza/CE.

Compartilhe nas redes: